

casos de insucesso escolar. Quando nós falamos de disciplina/indisciplina temos que dizer de que escola estamos falar.

Eu não sei qual é agora a situação depois do novo diploma de avaliação, mas estamos a falar, em Portugal, de uma escola que produzia mais de 30% (qualquer coisa como 36%) de repetências no fim da primeira fase. É, portanto, uma escola extremamente violenta. É violenta não apenas nos resultados que produz, com tudo o que isso significa, mas na qualidade do espaço que oferece. Tanta gente junta em espaços com tão pouca qualidade! Em geral, quando se abre a porta e se passa no corredor é uma massa! Eu devo dizer que por vezes me assusto ao ir a certas escolas! É um ambiente que para quem não vive nas escolas assusta facilmente, com aqueles corredores, aqueles intervalos, aquela massa dos jovens que vivem numa escola naquelas condições materiais.

Em geral, os materiais são de muito má qualidade, como por exemplo aquelas mesinhas de fórmica e aquelas cadeiras que aos fim de uns meses estão completamente desfeitas. E isso não é só no ensino preparatório e secundário; é nas escolas primárias; é também nas universidades. São realmente materiais que, em geral, não estão pensados para serem utilizados por muita gente e durante muito tempo. Às vezes, vemos jovens naquela fase em que estão a crescer, que têm gestos desajeitados com umas mesinhas que basta tocar-lhes... e viram. Vemos umas cadeiras desconfortáveis e por aí fora.

Há ainda na escola um problema muito grave que produz indisciplina. É a questão da diversidade das culturas, que tem a ver com o tema da nossa revista. A escola não sabe trabalhar com a diversidade, não sabe trabalhar com a diferença, tudo está montado para que os alunos sejam todos iguais, quanto mais iguais, mais fácil.

É evidente que a realidade não é esta. É evidente, também, que há professores que já conseguem trabalhar com essa diversidade, mas à sua custa, porque o sistema está montado para que seja tudo igual. Quanto mais igual melhor, quanto mais os alunos aprenderem ao mesmo tempo e da mesma maneira, mais fácil se torna o trabalho.

Há uma distância enorme entre aquilo que são as necessidades e as características das crianças e dos jovens e as práticas dominantes nas escolas. Quando eu digo práticas não é só a maneira de trabalhar do professor, é tudo: a maneira como o edifício está concebido, como os programas são pensados,

como o ano escolar está organizado, como se sucedem as aulas, etc. Apenas dois exemplos: pensemos nos adolescentes (e eles são curiosos, são extremamente curiosos) e na escola que é uma escola de passividade. Pensemos também nas tais aulas em que o professor fala e os alunos ouvem. Os jovens vivem em grupo, e o grupo para eles é decisivo, aliás é uma das razões pelas quais muitas vezes gostam tanto de escola. Ora a escola aposta no «cada um por si», cada um trabalha sozinho, cada um faz o seu teste, cada um não copia e não trabalha com os outros, isto em termos preliminares.

É evidente que a educação tem sempre uma dimensão de violência. Se pensarmos na educação de uma criança, na própria família, essa dimensão de violência é contrabalançada com os sentimentos, com a conversa, com o explicar as coisas, com o encontro. E é isto que falta na escola, essa violência está lá, uma violência muito mais radical, uma violência social, que não tem nada a ver com aquela violência que é uma tensão para crescer e para aprender, e que permite gerir os conflitos, porque conflitos há sempre e torná-los férteis é possível através da negociação, do diálogo, que não existe em geral na escola.

A indisciplina, qualquer que seja a definição para cada um de nós, tem consequências muito graves, penso eu, para professores e para alunos, para me limitar a esses dois parceiros directos. Para os professores, a sua turma e o comportamento dos alunos é um efeito espelho. No fundo, quando os alunos estão a portar-se mal, não estão com atenção, se estão desatentos, a conversar e a fazer barulho, estão a dizer ao professor que ele não está a conseguir cativar, e portanto, que ele está a ser um mau professor. E eu acho que o professor muitas vezes irrita-se, não é porque o aluno não esteja a aprender, não é essa preocupação generosa, porque se o aluno estiver em silêncio e quieto, também pode não estar a aprender, e isso não irrita o professor, não o interpela. Mas é porque de facto os alunos lhe estão a dizer que o que ele está a dizer não lhes interessa, e isso é terrível. Agora imaginem que aqui a sala estava toda em pé, a conversar uns com os outros. Nesse caso, nós já nos teríamos calado, já teríamos chegado à conclusão que não vos interessava aquilo que estamos aqui a dizer.

Para os professores, a indisciplina é extremamente violenta, é uma causa de *stress*; sem dúvida nenhuma um professor que sai de uma aula, que correu mal desse ponto de vista, sai desfeito, sai cansado, sai preocupado, sai muitas vezes

humilhado. Há uma grande falta de espaços onde debater, compreender e trabalhar estas questões, sem qualquer carácter punitivo ou de drama pessoal. Mais do que as pedagogias, eu penso que é por conseguir manter ou não manter a ordem que um professor se sente avaliado pelos seus colegas. Este é dos domínios em que é mais difícil partilhar com outros numa base profissional, sem ter medo de dizer: «És tu que não tens jeito, és tu que não sabes entrar em relação com eles». Creio que os professores têm muito poucos instrumentos para abordar estas questões. O professor passa muitas vezes mais tempo a gerir relações. A aprendizagem é isto, é gerir relações com o saber, inclusive; mais do que propriamente a transmitir matéria. Este aspecto está muitíssimo ausente da formação de professores, que se preocupa muito mais com os conteúdos do que propriamente com essas dimensões da profissão de professores.

Devo dizer que o «ir pra a rua» sempre foi uma coisa que eu achei revoltante, embora compreenda que é o último recurso da total impotência pedagógica e profissional. É uma situação de explosão, é como se nós, quando um filho se porta mal, o mandássemos para a rua. Para uma instituição que é a escola, obrigatória, muitas vezes, lavar as mãos, e agora não estou a pôr em causa o professor, quando ele faz isso, acho que é porque não conseguiu fazer mais nada, porque não encontrou outra solução, mas é de facto uma situação de grande impotência, e de grande..., quase me apetecia dizer de grande deseducação para o aluno, e de grande injustiça.

E eu acho que a indisciplina pode até, em certas situações, ser um valor de ousadia, de criatividade, de inteligência e não é por acaso que quando nos encontramos e falamos das nossas experiências escolares é com uma certa vaidade colectiva que nos lembramos das coisas que fizemos. Isso é o mais engraçado, não vamos contar uns aos outros: «Lembras-te quando estávamos todos sentados a ouvir o professor?»; Vamos lembrar-nos certamente daquelas coisas que aconteceram que na altura, provavelmente, até nos fizeram chorar e ter imenso medo de ir para casa. São essas as coisas que nos marcaram e muitas vezes ficaram connosco como um espaço de coisas que ousámos fazer e que foram muito importantes na nossa vida e na nossa socialização.

Eu acho que a questão da disciplina/indisciplina tem a ver com a escola como espaço educativo, e que por aí passa uma grande parte da formação pessoal e social e da educação cívica dos alunos. Os alunos vivem muitas injus-

tiças e aprendem na escola o cinismo, o silêncio, uma certa hipocrisia. E devo dizer que isto não sinto tanto, agora como mãe, no primário. Sinto muito mais que quanto mais se avança no sistema e nos graus de ensino mais forte é este aspecto. E, por exemplo, os estudantes universitários, que regra geral não são indisciplinados, vivem terríveis situações de hipocrisia, cinismo, injustiça. Para mim, falar de formação pessoal e social, de educação cívica, fora daquilo que se vive, de facto, fora da escola, não tem muito sentido.

É evidente que não há soluções, nem únicas, nem sequer provavelmente há soluções. Há tantas soluções, como soluções há de construção de espaços sociais e institucionais harmoniosos e de convívio. Isto porque a violência faz parte desses espaços sociais institucionais e porque o único caminho é a construção de alternativas pedagógicas de cooperação, de negociação, de explicitação, naturalmente com conflitos, mas com conflitos que fazem parte dessa tal tensão da aprendizagem. Evidentemente todos nós conhecemos situações de sala de aula e de projecto pedagógico em que não há indisciplina no sentido de situações graves que o professor não é capaz de resolver; há coisas que correm mal, com certeza, há conflitos, há situações até complicadas de resolver, mas essas fazem parte do processo educativo.

A construção dessas alternativas tem que envolver o gosto e as energias dos alunos, porque quando um aluno investe a energia para aprender, para trabalhar, para perceber, para descobrir, não está a investir para fazer barulho, para estragar, para picar o outro do lado, etc. E quando ele está desinvestido do trabalho e investe a energia noutras coisas, ele tem que fazer alguma coisa!

Eu creio que esta questão da construção de alternativas depende daquilo que os professores querem, sabem e podem fazer, e isso é muito importante. Não basta querer, é preciso saber. E também não basta só querer e saber, é preciso ainda poder. E isto levar-nos-ia muito longe no que são as condições e os constrangimentos em que hoje vive a escola para a construção de alternativas pedagógicas.

Angelina Carvalho

Eu acho que já está quase tudo dito sobre as questões que se colocam e sobretudo pelo facto do tema disciplina/indisciplina não poder ser tratado como um tema que não é contextualizado.

E é evidente que aqui pode ser pegado de duas formas: de uma forma, que é uma forma corrente, e que começa pelo facto de se obrigar à mesma regra do jogo 30 alunos dentro de uma sala de aula. Isso coloca problemas ou pode constituir uma situação limite. Estou-me a lembrar de algumas situações da minha escola que tem inclusive alunos oriundos do bairro da Mitra, que, para quem é de Lisboa, é equivalente ao Casal Ventoso. Não tão grave se calhar, mas ainda há três dias vinha no *Público* a notícia de uma jovem de treze anos baleada à porta de casa por razões desconhecidas. Ela era provavelmente irmã de algum dos nossos alunos.

Ora esses alunos são colocados na escola primária, em turmas próprias para serem entregues ao último professor colocado, porque, obviamente, ninguém está para os querer receber. Com alguma ingenuidade, a escola preparatória que os recebe, como aplica o critério de dar continuidade às mesmas camaradagens dos meninos que vêm da primária, dá-lhes continuidade na turma seguinte. O que dá que, por exemplo, no ano passado tínhamos uma turma que, em 30 crianças, só duas delas tinham a existência da chamada família tradicional, com pai e mãe. As outras ou viviam ou com irmão da tia da avó que tinha fugido para Lisboa que estava com a mãe que a abandonou à porta da casa da cunhada etc., ou o filho da prostituta que entregou à ama que ficou com ele, depois a prostituta fugiu, depois etc., e o pai desapareceu e era filho do primo de não sei quem. E tirando todos esses casos é evidente que aí se chegam às situações limite, onde não há regras possíveis de serem aplicadas da mesma forma pura e simplesmente à situação educativa numa situação não limite.

O problema que se levanta aqui é, penso eu, que todas estas situações, quer naquelas que não são limite quer nestas que poderão ser situações que quase levam um professor, de facto, a situações que não sabe depois como resolver, o colocam em grande *stress*. Acontecem histórias e cada história tem uma explicação e cada história não é uma história contada de diferentes maneiras, são diferentes histórias.

Eu vou só pegar em duas muito pequeninas. Uma é a história de um aluno chamado «O Bacalhau». Ele exigia que lhe chamassem «O Bacalhau», apesar de Bacalhau não constar no nome dele em sítio nenhum. Este aluno durante quatro anos reprovou, consecutivamente, na 4ª classe. Finalmente, transitou

para o Ciclo Preparatório. Com algum cuidado um dos professores tentou investigar o que se tinha passado. E era o seguinte: a mãe tinha-se separado do pai, e o pai tinha ido viver para Vila Real e quando o vinha visitar, dizia-lhe: quando terminares a quarta classe eu levo-te para vires viver comigo. «O Bacalhau» não queria ir viver com o pai, por isso quando chegava o último período da quarta classe deixava de ir à escola e reprovava. Nesse ano, o pai foi atropelado num acidente de viação que houve nas corridas de Vila Real e foi uma das vítimas mortais. «O Bacalhau» passou.

Esta história tem várias histórias metidas dentro. É a história do Bacalhau, é a história da mãe, é a história da família, é a história de porque é que ele não passou, é a história da professora da primária que nunca percebeu porque é que ele não passou.

A outra história é uma a que eu assisti. Eu entrei na escola e estava sentado no átrio um menino, muito bem comportado, o Pedro, que estava no segundo ano do segundo ciclo. Tinha feito o primeiro ano num colégio e a família por razões várias tinha-o colocado na escola.

O Pedro era muito bem comportado, nunca fazia nenhuma asneira, era muito tímido, o avô ia levá-lo para que nunca lhe acontecesse nada. Ora o Pedro estava sentado no átrio da escola com um enorme vergão na cara, vermelho vivo. Quem tinha feito o vergão? Tinha sido o Zé Manel, que era um indisciplinado, como toda a gente já muito bem sabia naquela escola, porque o Zé Manel sempre resolvia os problemas à pancada. E o Zé Manel tinha dado com o cinto na cara do Pedro (que era muito bem comportado) e que estava a chorar copiosamente. Todos os professores que entravam olhavam para o Pedro e viam a sua pobre cara, pálida, marcada pelo vergão vermelho e ficavam indignadíssimos. Quem foi? O Zé Manel. Mais aumentava o grau de indignação. Claro que tinha que ser o Zé Manel, porque o Zé Manel já era conhecido. E foi-se criando uma onda de revolta enorme nos professores que já diziam: Conselho Disciplinar não chega; é preciso tomar medidas mais graves, há que fazer alguma coisa. Mas, por acaso acontece que eu moro no sítio da escola, conheço a zona da escola, que é a zona oriental da cidade e conheço a história que estava por detrás.

Há muitos anos, que naquela região da cidade, na zona de Campanhã, é conhecido um jogo, entre os rapazes, que é um jogo que se transmite de gera-

ções em gerações, o jogo do cintinho. O jogo do cintinho consiste nisto: os rapazes escondem o cinto, o grupo vai procurá-lo. Quem encontrar o cinto tem direito a espancar todos aqueles que estão à volta dele, até eles fugirem para o espaço chamado terra da liberdade. Uma das táticas que eles usam é que quando encontram o cinto dissimulam, escondem, fingem que não encontram para poder apanhar o máximo de vítimas que os rodeiam. Faz parte do jogo, é regra do jogo, que muita gente joga, que algumas pessoas da minha idade jogavam, sobretudo é um jogo de rapazes.

O Pedro não conhecia as regras do jogo, o Pedro tinha insistido com os colegas para participar no jogo, os colegas não queriam que participasse, mas ele insistiu. E o Pedro não sabia nem proteger a cara, que era uma das coisas fundamentais naquele jogo, nem sabia correr imediatamente para o espaço da zona da terra da liberdade, nem sabia como reagir naquela situação. O Pedro foi apanhado com uma cinturada, que fazia parte do quotidiano daquele jogo. O que o Zé Manel tinha feito não tinha sido nada de diferente do que fazia todos os dias quando jogava o cintinho com os colegas. No entanto, o corpo docente da escola estava numa onda profunda de revolta, porque de facto o que via era uma pobre criança indefesa que nunca provocou problemas, vítima de uma enorme violência.

Se não houvesse o conhecimento dessa história, do que está por trás e do que aconteceu, ia despoletar-se um movimento de perseguição ao Zé Manel, ia montar-se um conselho disciplinar, ia propor-se uma pena disciplinar. Creio que não se pode tirar daí uma moral. Mas há uma coisa que transparece, que é o desconhecimento que também nós professores temos do quotidiano, de todas as regras do jogo, que são as regras do jogo que fazem parte do «lado de lá».

Não porque nós nos tenhamos esquecido da nossa infância, mas precisamente porque não a esquecemos, lemo-la à luz da nossa própria experiência e então encontramos nessa infância com que lidamos uma regra do jogo que não é de facto a verdadeira, pois há outras que são também regras do jogo, e que não têm a ver com a nossa experiência pessoal. O que acontece é que ainda por cima, é isso que há pouco a Luiza referia, com a escolaridade obrigatória, com o advento da escola de massas, entraram na escola um conjunto de alunos que não são em nada equivalentes àqueles que eram nossos colegas de carteira e que acabam por ter todo um conjunto de histórias, todo um conjunto de rela-

ções, que efectivamente provocam uma enorme violência nos professores, uma enorme angústia. Então, quanto mais se aproximam da adolescência, com uma relação de pares extremamente forte, mais o professor se sente em perigo. Depois é a regra: quanto mais em perigo eu estou, mais ataco, porque não há melhor defesa do que o ataque. E se a pessoa está em perigo, ataca e começa por atacar logo na entrada da aula, mesmo que seja berrando, gritando, usando um tom estridente, de que nem tem consciência, dizendo que se sentam nas cadeiras da esquerda para a direita, da frente para trás, e de trás para frente, é uma defesa como outra qualquer, e a verdade é que o próprio professor com essa defesa produz um ciclo de violência muito grande que transmite dentro na sala de professores. Tem a ver com a organização de escola e tem a ver sobretudo, se calhar, com o pouco espaço onde reflectir essas coisas.

Luís Mesquita

Observemos a realidade das nossas escolas e constatemos uma evidência: *todos se queixam*. Os professores descontentes com as suas condições de trabalho e que de ano para ano se confrontam com turmas mais inquietas e indisciplinadas, qualquer que seja a sua localização geográfica, e cuja paciência ameaça esgotar-se. Os pais preocupados com as aprendizagens dos seus filhos, com a sua segurança, e por outro lado reclamando da escola funções que até agora lhes competiam e que já não podem assegurar – a disciplinação, a aprendizagem das regras de conduta social, etc. Os alunos que se vêem impedidos de aprender num clima de aula apropriado, que receiam a violência, que todos os dias se arriscam a sofrer acidentes, por vezes graves; por outro lado para muitos alunos a escola é um aborrecimento onde escasseiam os motivos de interesse, para além dos intervalos e dos «feriados». O pessoal não docente a quem não se reconhecem competências de natureza educativa e que cada vez mais se refugiam em tarefas administrativas e se alheiam da participação na vida da escola, construindo uma relação equívoca com alunos e professores, acusando uns e outros de falta de respeito e de desvalorização do seu papel e estatuto profissional. Por fim, as comunidades que estão criando em muitos lugares uma imagem bastante negativa da real capacidade das escolas em educar as suas crianças e jovens e que desconfiam da eficácia das novas técnicas pedagógicas.

Estamos, portanto, face a um problema real e não uma ficção. Há de facto um sentimento generalizado de desconforto e de preocupação perante uma situação que se identificou como de indisciplina e até de violência na escola. O problema realmente existe e tem-se agravado. É frequente, e já me aconteceu, regressar uns anos depois a uma escola considerada calma e verificar alarmado que afinal já (quase) nada a distingue de outras. E também é cada vez mais frequente ouvir professores a quem nunca antes se tinha ouvido uma queixa a participarem do coro cada vez mais geral de protestos a que poucos hoje se podem considerar imunes. Não vale a pena portanto fingir que este é apenas um problema dos outros, dos «maus» professores, e que a solução é de tipo individual, isto é, cada um que se «desenrasque».

Claro que o conceito de disciplina é um conceito polissémico, ambíguo e até contraditório: obediência a regras não negociadas, aceitação passiva da arbitrariedade, hierarquizações impostas, constrangimentos, passividade, simples repetição e reprodução, anulação de individualidades? Persistência, tenacidade, capacidade de trabalho e de sacrifício, resistência, investimento, insistência, ultrapassagem de limites? Falar de disciplina é falar de muitas coisas ao mesmo tempo e por outro lado atribuir-lhe significados muito diferentes. É evidente que face a grandes grupos de individualidades heterogêneas o professor tende a subordinar todos, independentemente da sua origem e entendimento do real, a um parâmetro estrito de disciplina e saber: o silêncio e o texto. Parece também óbvio que os modelos de transmissão cultural que ocorrem nas escolas são os da classe média. A escola não suporta perturbações de espaço e tempo – no lugar e a horas! Apesar destas «evidências», o conceito necessita de alguma objectivação sob pena de se tornar, de continuar a ser, fonte de mal-entendidos e de impedir qualquer operacionalização.

Não se nega a necessidade da disciplina. No entanto, de que nos queixamos quando falamos da indisciplina dos nossos alunos (ou filhos, ou crianças e jovens em geral)? O que esperamos deles? Que comportamentos toleramos ou valorizamos? Até onde nos envolvemos?

«Eles não estão quietos nem calados, não ouvem o que lhes digo, não fazem o que lhes mando, estão sempre a interromper, não são delicados, são mesmo malcriados, não respeitam ninguém, são impossíveis de aturar, estou farto deles, consomem-me a paciência!». De quem e de quê nos estamos a

queixar? Deles, de nós, de outros? A transgressão é então associada a comportamentos negativos, àquilo que fazem como nós não esperamos, não previmos e nos contraria. Ninguém «no seu perfeito juízo» lhe atribui um valor positivo na dinâmica da aprendizagem.

A resposta a este problema não pode ser encontrada no quadro limitado de cada escola nem sequer no quadro do sistema de ensino tomado isoladamente. A indisciplina na escola é apenas um sintoma de desajustamento deste sistema social com os outros que lhe são contíguos. As transformações que inevitavelmente ocorrerão nas escolas terão de ser acompanhadas por transformações nas famílias, nas comunidades, no emprego. Mas as respostas precisam de ser encontradas. Cabe-nos a nós nas escolas procurar os meios de as introduzir, utilizando, nomeadamente, de modo útil as várias medidas legislativas tomadas no âmbito da chamada «Reforma». Andámos todos durante tanto tempo a exigí-la que não é honesto, por muitas que sejam as contradições e dificuldades, desperdiçar esta oportunidade, alhearmo-nos da sua implementação, gravarmos nela a nossa marca, a nossa ideia de escola, a nossa própria estratégia de reforma. No quadro actual, penso ser possível batermo-nos por um conjunto de ideias e propostas não apenas no âmbito sindical e profissional mas no quotidiano das nossas práticas educativas: i) flexibilizar os espaços e os tempos da formação por forma a encontrar um equilíbrio entre os interesses dos alunos e níveis de instrução elevados; ii) envolver as famílias e as comunidades na vida das escolas de modo a estabelecer as pontes adequadas a uma aprendizagem útil e harmoniosa; e iii) assegurar aos jovens um lugar de pleno direito na escola e na sociedade, integrando-os de diversas formas no mundo dos adultos, evitando a todo o custo a segregação a que os condenamos e a que se remetem.

Steve Stoer

Antes de passar a palavra, só queria referir o tal comentário enviado por *Raül Iturra*, que aliás retoma a referência que foi feita agora pelo Luís e que muito simplesmente em poucas palavras diz o seguinte: ao nível das crianças a indisciplina não existe. Indisciplina é um conceito construído pelos próprios adultos; é um conceito que as crianças não conseguem entender, porque, de facto, vem de uma sociedade com a qual ainda não estão habituadas a lidar,